

ELEMENTOS ECLESIOLÓGICOS PARA ENTENDER “IGREJA” NA PANDEMIA DE HIV/AIDS¹

Sven-Erik Brodd²

Resumo: O objetivo deste artigo é nos lembrar do fato de que a igreja de Cristo é fundamental também para compreender a pandemia de HIV/AIDS a partir da perspectiva da fé cristã. O artigo inicia com algumas considerações sobre o conceito e a definição de eclesiologia com o intuito de mostrar que a igreja é mais do que um conjunto de doutrinas ou do que uma organização qualquer. Na segunda parte do artigo, apresentamos alguns modelos e normas inerentes à doutrina eclesiológica que podem ser usados para avaliar a eclesiologia prática e a vida eclesial de uma igreja, o que por sua vez tem implicações importantes para o debate sobre HIV/AIDS e a igreja. O teor do artigo foi desenvolvido a partir de discussões muito produtivas com alunos e professores em diversas instituições de ensino superior na África³, durante vários encontros que giraram em torno de interpretações eclesiológicas possíveis em meio a uma pandemia, neste caso contextualizada na África Subsaariana e na Etiópia.

Palavras-chave: Eclesiologia. Ética. Estigma. Doenças.

Ecclesiological Elements in Understanding “Church” in the HIV/AIDS Pandemic

Abstract: This article aims to remind us of the fact that the Church of Christ is fundamental also in understanding HIV and AIDS from the perspective of Christian faith. The article starts out by making a few considerations about the concept and definition of ecclesiology to make the point that the Church is more than a set of doctrines or an organization like any other. The second half of the article presents models and norms inherent to doctrinal ecclesiology that can be used to assess the practical ecclesiology and ecclesial life of a given Church, which in turn has important implications for the debate on HIV/AIDS and the Church. The content developed out of very productive discussions with students and professors at various institutions of higher learning in Africa,³ during a series of meetings that centered on possible ecclesiological interpretations in the midst of a pandemic, in this case contextualized in Sub-Saharan Africa and Ethiopia.

Keywords: Ecclesiology. Ethics. Stigma. Diseases.

¹ O artigo foi recebido em 08 de fevereiro de 2010 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 27 de abril de 2010. Traduzido do original inglês por Paul Tornquist.

² Sven-Erik Brodd é professor titular na Universidade de Uppsala, Suécia. Foi reitor da Faculdade de Teologia entre 2001 e 2008. Atualmente é sub-reitor da área científica das ciências humanas e sociais na Universidade de Uppsala. É autor de vários livros, além de já ter inúmeros artigos e trabalhos publicados em livros e periódicos suecos e internacionais, principalmente nas áreas de eclesiologia, mariologia e teologia dos sacramentos.

³ Apresentações e intervenções no âmbito do programa de pós-graduação em HIV, AIDS e a Igreja, em colóquios realizados na Makumira University College, Universidade Tumani, Tanzânia, de 23 a 28 de janeiro de 2006; na Universidade de Stellenbosch, África do Sul, de 3 a 7 de julho de 2006; e em Durban, na Universidade de Kwazulu-Natal, de 12 a 14 de julho de 2007.

A fé cristã não é primordialmente ato intelectual de um indivíduo. Segundo o Novo Testamento, a fé é uma prática refletida, realizada em comunhão entre aqueles que, pelo Batismo, foram incorporados ao corpo de Cristo (1Co 12.13), nascidos de novo no povo de Deus (Tt 3.5ss), consagrados para o sacerdócio santo (1Pe 2.5ss), qual ramos na videira (Jo 15.5) e pedras vivas no templo de Deus, em que Jesus é a pedra angular (1Co 3.16s; Ef 2.20). Essa comunhão, descrita de diversas maneiras, tem caráter pactual e eucarístico, instituída por Cristo na Eucaristia, a nova aliança em seu sangue (1Co 11.25; Lc 22.20). Assim, a pessoa cristã, ou a prática cristã, ou a doutrina cristã, não pode ser entendida ou empregada sem a igreja, que é o corpo de Cristo em que o cristão é um membro, o povo de Deus em que ele ou ela está sujeito a Cristo, etc. Sendo assim, a igreja não pode ser separada de Cristo e Cristo não pode ser dissociado da igreja, pelo menos não segundo o Novo Testamento. Considerando que todas as descrições positivas e normativas de um cristão na Bíblia se referem à vida em comunhão “em Cristo” (Jo 15.4s; Rm 12.5; 2Co 5.17; At 17.28), nenhum cristão pode viver isolado da vida na igreja.

Essa compreensão da fé cristã como uma prática comunitária refletida desafia não apenas nosso entendimento do que é a fé, especialmente em contextos filosóficos e culturais que tendem a isolar o indivíduo, mas também desafia nosso trabalho acadêmico, que parece cada vez mais fragmentado. Por isso é importante sempre lembrarmos – quer seja o nosso campo de estudo a sociologia da religião, o aconselhamento pastoral, a história da igreja, a antropologia cultural, ou outra área ainda – que estudamos partes daquilo que é fundamentalmente a comunalidade da existência cristã, que a base inexorável de tudo é a igreja. Obviamente isso não significa que se deva perder o foco em estudos especializados. Pelo contrário, quanto mais nítido o foco, quanto melhor a teoria na pesquisa disciplinar, tanto mais confiáveis serão os resultados. Significa, no entanto, que o objeto de pesquisa nunca pode ser visto à parte do sistema significativo – complexo mas coeso – descrito acima como a igreja de Cristo. Por isso a eclesiologia se torna fundamental para compreender a vida e a fé cristãs.

A pandemia do HIV é, muitas vezes, descrita como uma catástrofe humana, social e cultural, causadora de grande sofrimento. Mas, ao mesmo tempo, é descrita como um tempo de *kairós*, um *momentum* ou até mesmo como uma oportunidade para a revitalização e aprofundamento da autocompreensão e da eclesiologia das igrejas, pelo confronto da Revelação Divina com as realidades e os contextos do HIV e da AIDS⁴. Quando se afirma que “as igrejas precisam ser transformadas em

⁴ OROBATOR, Agbonkhianmeghe E. **Eccelesiology in Crisis**. A Contextualized Theological Study of the Church in Africa in the Situation of HIV/AIDS, Refugees and Poverty. 2004. Dissertação – Universidade de Leeds, Leeds, 2004.

face à crise da pandemia de HIV/AIDS”⁵, não se trata de mera questão pragmática para uma igreja que reivindica ser, de acordo com as Sagradas Escrituras, não apenas um instrumento da Revelação Divina, mas o corpo de Cristo e o povo de Deus, e assim, parte integral do próprio evangelho. A própria pandemia suscita perguntas sobre a natureza e a missão da igreja e “está nos forçando a novamente esclarecer a visão de nossa igreja”⁶. Em outras palavras, estamos diante de uma enorme tarefa eclesiológica.

Eclesilogia

O termo eclesilogia refere-se tanto ao ensino sobre a igreja propriamente dita, em grego *ekklesia*, quanto à disciplina teológica que estuda o que é igreja. Eclesilogia no sentido de estudo da igreja também desempenha um papel importante em explorar qual compreensão de igreja pode estar por trás – seja de forma escondida ou aberta – das maneiras escolhidas por igrejas, tradições cristãs, pastores e teólogos para lidar com epidemias, doenças e sofrimentos, tanto na história quanto no presente.

É importante lembrar que, na eclesilogia enquanto disciplina acadêmica teológica, “igreja” não precisa necessária ou exclusivamente ser identificada com instituições. A eclesilogia estuda todos os tipos de estruturas comunitárias da existência cristã e não se restringe apenas à dogmática, mesmo tendo caráter de teologia sistemática. Por isso apoia-se em várias outras disciplinas, como ciência política, história, sociologia, entre outras.⁷

Existe o perigo de conceitos eclesiológicos, tais como corpo de Cristo, perderem contato com a realidade eclesial efetivamente vivida pelas igrejas. Portanto é importante que a eclesilogia estude tanto a teoria quanto a prática. O que a igreja ensina pode estar em contradição com sua prática. Todas as igrejas ensinam que a verdadeira igreja é o povo de Deus, o povo universal, o corpo de Cristo. Se, no

⁵ WORLD COUNCIL OF CHURCHES. **Plan of Action: The Ecumenical Response to HIV/AIDS in Africa**. Global Consultation on the Ecumenical Response to the Challenge of HIV/AIDS in Africa. Nairobi, Kenya, 25-28 nov. 2001

⁶ VITILLO, Robert J. Theological Challenges Posed by the Global Pandemic of HIV/AIDS. **National Catholic Reporter**, mar. 1994. Disponível em: <http://www.natcath.com/NCR_Online/documents/VitilloHIVreport.htm>.

⁷ HEALY, Nicolas M. Some Observations on Ecclesiological Method. **Toronto Journal of Theology**, n.12, p. 47-63, 1996; ORMEROD, Neil. The Structure of a Systematic Ecclesiology. **Theological Studies**, n. 63, p. 3-20, 2002; SCHLIER, Heinrich. Ekklesiologie des Neuen Testaments. **Mysterium Salutis**, v. IV, n.1, p. 101-121; JENKINS, Michael. Describing the Church: Ecclesiology in Semiotic Dialogue. **Scottish Journal of Theology**, n. 51, p. 188-213, 1998; FORRESTER, Duncan B. Reflections on Ecclesiology and Ethics. **Tro & Tanke**, 7-8, p. 107-120, 1999; FUGLISTER, Notger. Strukturen des alttestamentlichen Ekklesiologie. **Mysterium Salutis**, v. IV, n.1, p. 23-100; WATSON, Nathalie. Faithful Dissenters? Feminist Ecclesiologies and Dissent. **Scottish Journal of Theology**, n. 51, p. 464-484, 1998; STARKLOFF, Carl F. Church as Structure and Communitas: Victor Turner and Ecclesiology. **Theological Studies**, n.58, p. 643-668, 1997.

entanto, analisarmos a prática dessas igrejas, encontraremos talvez outros modelos – influenciados por aspectos da sociedade moderna como, por exemplo, o consumismo, o tribalismo – que afetam toda a sua eclesiologia, mas não são consistentes com a doutrina oficial da igreja.

O teólogo francês Yves Congar formulou um conceito, que se pode denominar de “eclesiologia operante”, segundo o qual a piedade e a liturgia encontradas em várias tradições dizem algo sobre a autocompreensão, a eclesiologia de tais tradições. Trata-se do axioma *lex orandi, lex credendi* transformado em forma indutiva de compreensão. Yves Congar referia-se ao fato de que por trás de modelos de liturgia há diferentes eclesiologias em ação. Essas podem ser conscientes ou não. A ordem de culto manifesta uma eclesiologia latente ou aberta.⁸ Isso se aplica a todas as áreas da vida eclesial.

Assim sendo, o conceito de eclesiologia usado aqui é amplo e inclui tanto o estudo da conceitualização teórica (dogmática), normativa, descritiva e ideal da igreja, quanto a igreja real, histórica e empírica. Fundamentalmente, um não pode ser separado do outro, mesmo quando distinções precisam ser feitas. A mensagem é, portanto, que a eclesiologia não está restrita a um *locus* na dogmática, mas inclui também o estudo da prática eclesial. Quando se procura compreender o que é igreja, dogma e empirismo são vistos em conjunto; o aspecto espiritual não é considerado um paralelo ao material, mas os dois são reunidos em uma perspectiva encarnacional.

No estudo acadêmico da eclesiologia é importante adotar inicialmente uma postura aberta e inclusiva. Mas, ao estudar o ser cristão em comunhão, é igualmente importante não definir a igreja de forma excessivamente estreita. Na eclesiologia como disciplina acadêmica, o estudo da igreja precisa necessariamente incluir diversas formas de ser cristão em comunhão. É, portanto, uma disciplina muito inclusiva, tanto em termos de postura inicial quanto ao decidir a área de pesquisa. Sendo assim, na eclesiologia, os estudos podem incluir a vida na igreja medieval, as igrejas no ciberespaço, os conceitos de igreja no Novo Testamento, etc. Isso significa que o estudo da igreja, eclesiologia no sentido amplo da palavra, tem caráter interdisciplinar. A história, a teologia pastoral, a teologia sistemática, a antropologia e outras disciplinas têm tarefas importantes a cumprir. Mas, no final, a análise teológica dos resultados alcançados é a contribuição importante para a autocompreensão da igreja, pois a igreja não é apenas uma organização, uma simples soma de opiniões. Ela tem outras reivindicações que precisam ser levadas a sério pelo/a pesquisador/a, pois afetam os resultados de seus estudos.

Discute-se atualmente cada vez mais uma “eclesiologia africana”.⁹ A meu ver, entretanto, essa discussão não inclui, de forma coerente e sistemática, as pers-

⁸ CONGAR, Yves. L’ecclēsia ou communauté chrétienne, sujet integral de l’action liturgique. JOSSUA, J. P. et CONGAR, Y. (Eds.). **La liturgie après Vatican II**. Paris, 1967. p. 241-268. (Una Sancta 68).

⁹ AMEWOWO, Wynnard A. Ecclesiology in Africa. A Search for Biblical Ecclesiological Model for Tanzania Today. **African Christian Studies**, v. 9, n. 3, p. 38-63, 1993; ANDRIA, Solomon; Saayman, Willem. Missiology and Ecclesiology. A Perspective from Africa. **Missionalia**, n. 31, p.

pectivas decisivas para uma eclesiologia contextual que seja relevante para entender a epidemia de HIV/AIDS na África.

Uso impreciso de “igreja” nos debates sobre HIV/AIDS

Diversos documentos, trabalhos acadêmicos e materiais de divulgação sobre a atuação da igreja nos informam que a igreja está atuando na questão da AIDS/HIV, que a igreja dá a sua contribuição prestando assistência às pessoas atingidas pela pandemia, que a igreja é afetada pela pandemia de HIV/AIDS, ou mesmo que a igreja está infectada pela AIDS. Como se pode ver, o conceito “igreja” tem importantes papéis a desempenhar em iniciativas sociais, políticas e de saúde relacionadas com a pandemia. Mas o problema está em definir o que se quer dizer com “igreja”. Ao realizar um trabalho acadêmico, o sentido do termo e o conteúdo do conceito “igreja” podem ser decisivos para o resultado da análise. Se você identificar “igreja” com o papa ou com a liderança eclesial, a exemplo de um sínodo ou de um bispo, você estará propondo a ideia de igreja apresentada por seus respectivos representantes. Se você entender igreja como uma organização humanitária cristã ou como uma repartição burocrática da igreja local, isso levanta alguns problemas eclesiológicos que precisam ser esclarecidos. Se você entender igreja como uma diocese, uma igreja regional, uma associação de igrejas, a igreja universal ou uma tradição eclesiástica à exclusão de outras, isso pode, conforme as circunstâncias, afetar os resultados do seu trabalho. Assim, descritivamente, não se deveria usar o termo “igreja” sem maior precisão, significando quase nada. Como mencionado

503-517, 2003; BISHWENDE, Augustin Ramazani. **Ecclésiologie Africaine de famille de Dieu.** Annonce et debat avec les contemporains. Paris, 2007; BUJO, Bénétet. On the Road Toward an African Ecclesiology. **The African Synod.** Documents, Reflections, Perspectives. Maryknoll/NY: Orbis, 1996. p. 139-151; KANYANDAGO, Peter. Rethinking African Ecclesiology. Challenges from People's Rights and Participation. In: MCGARRY, C. & RYAN, P. (Eds.). **Inculturating the Church in Africa.** Theological and Practical Perspectives. Nairobi, 2001. p. 95-119; KANYANDAGO, Peter. The Disfigured Body of Christ and African Ecclesiology. In: MUGAMBI, J. N. K. & MAGESA, L. (Eds.). **The Church in African Christianity.** Innovative Essays in Ecclesiology. Nairobi, 1990. p. 170-193; MASINGANDA, A. M. **Du discours christologique à l'émergence d'ecclésiologie en contexte négro-africain.** Pertinence doctrinale et contextuelle. 1996, Dissertação – Facultate Theologiae, PUG, Roma, 1996; NYAMITI, Charles. The Initiatic Aspect of the Church. An Essay on African Ecclesiology. **African Christian Studies**, n. 3, p. 37-60, 1987; NYAMITI, Charles. African Ancestral Ecclesiology: Its relevance for Africa. In: RADOLI, A. (Ed.). **How Local is the Church?** Small Christian Communities and Church in Eastern Africa. Eldoret, 1993. p. 126-128; OROBATOR, Emmanuel. Perspectives and Trends in Contemporary African Ecclesiology. **Studia Missionalia**, n. 45, p. 267-281, 1996; SANKEY, Paul J. The Church as Clan. Critical Reflections on African Ecclesiology. **International Review of Mission**, n. 83, p. 437-449, 1994; OMENYO, Cephas N. Essential Aspects of African Ecclesiology: The Case of the African Independent Churches. **Pneuma**, n. 22, p. 231-248, 2000; ROSS, Kenneth R. Crisis and Identity – Presbyterian Ecclesiology in Sotherna Malawi 1891-1993. **Missionalia**, n. 25, p. 381-397, 1997; MUKOMA, Kambuyi Sebastian. **Basisgemeinden in Afrika.** Die negro-afrikanische Ekklesiologie am Beispiel Zaire. Frankfurt/M, 1994. (Erfahrung und Theologie 24).

acima, é comum ouvir a expressão “a resposta das igrejas frente ao HIV/AIDS” (ou então a falta de resposta), como se as igrejas estivessem meramente se posicionando em relação à pandemia.¹⁰ Na verdade, as próprias igrejas são afetadas por HIV/AIDS na medida em que pessoas infectadas compartilham a vida da igreja. O que realmente significa “igreja” quando se diz que a igreja está agindo na questão do HIV ou que a igreja contraiu AIDS?

Conceitualizações vistas rotineiramente influenciam a análise e mesmo um único termo pode afetar a análise da relação entre teoria e prática, por exemplo, ou o problema de texto e contexto. “Comunidades religiosas como igrejas” não é uma expressão eclesiologicamente inocente, pois revela que a igreja é interpretada a partir da perspectiva de ser uma religião. “Pessoas que vivem com AIDS” é uma abstração que necessita de uma inculturação interpretativa eclesial ou social.

A herança denominacional pode ser um obstáculo nos estudos eclesiológicos, especialmente em contextos acadêmicos denominacionais. Assim, é importante que o/a estudante procure distanciar-se de suas terminologias e conceitualizações tradicionais imediatas, permitindo-se dessa forma criar uma conceitualização reflexiva e analítica própria, que expresse o sentido desejado, mas mantenha o necessário distanciamento. Do contrário, o resultado do estudo será prejudicado do ponto de vista da análise crítica e da contribuição construtiva, tornando-se mera intervenção no debate ou uma repetição de ideias tradicionais.

Mesmo que o conceito “igreja” necessite de constantes esclarecimentos e de reflexões mais aprofundadas, não é possível evitar a “igreja” na elaboração da teologia cristã. A igreja tem sua origem em Cristo; é a igreja que, em suas formulações doutrinárias, definiu quem é Deus, o que é a Santa Trindade e todas as demais doutrinas teológicas. É a igreja que instituiu os ministérios, os sacramentos e que, ao final do século 4 d.C., definiu o cânon universal, conhecido hoje como as Escrituras Sagradas ou a Bíblia. Em perspectiva teológica, esses desenvolvimentos históricos foram acompanhados de uma crescente compreensão da Revelação Divina em Jesus Cristo, guiada pelo Espírito Santo. Mas a igreja é central em tudo isso, pois, do contrário, a fé cristã seria reduzida a um conjunto de crenças individuais.

Proficiência de estudos eclesiológicos

Teólogos acadêmicos não têm, obviamente, autoridade doutrinária magisterial. Podem oferecer suas ideias para que sejam aceitas ou repudiadas pela igreja. Isso significa que existem grandes oportunidades, em solidariedade fundamental para com as tradições às quais pertencem, de apresentar contribuições novas e

¹⁰ WORLD COUNCIL OF CHURCHES, 2001: “Essa reflexão continuará a nos desafiar a sugerir diretrizes para a transformação de nossas igrejas e apoiará nossa procura por uma eclesiologia que nos ajudará a nos remeter às questões levantadas pela resposta ao HIV/AIDS”.

criativas – bem como críticas construtivas – não apenas às suas próprias tradições, mas também à igreja no sentido mais amplo.

Os problemas em identificar perspectivas eclesiológicas e até mesmo teológicas gerais que possam ser aplicadas em análises e/ou como chaves hermenêuticas críticas são superáveis. Como mencionei no início e tenho repetido, a igreja não é apenas teoria, mas principalmente práxis, informada pela fé e gerando fé. A vida sacramental, naturalmente, é essencial aqui. Mas outras práticas são igualmente instrutivas. O funcionamento do processo decisório dentro de uma igreja pode, às vezes, dizer mais ao pesquisador sobre a eclesiologia dessa igreja, sobre sua autocompreensão *de fato*, do que muitas afirmações dogmáticas sobre como ela *deveria ser*.

O objetivo de qualquer projeto de estudo deve ser a evolução do grau de compreensão e a busca por novos conhecimentos, tanto para quem realiza o estudo quanto para aqueles que são objetos de estudo. Outra ambição é possibilitar o desenvolvimento de teologias pastorais contextualizadas, teologicamente transparentes e efetivas. Os próprios estudos devem ser expressão de práticas reflexivas, do fazer teologia que reúne “práxis” e “dogmática”, da elaboração de uma teologia significativa, construtiva e prática para a vida cotidiana.¹¹

Há duas ameaças bastante óbvias no debate sobre a igreja, HIV e AIDS, ambas interligadas. A primeira poderia ser chamada de pragmatismo eclesiológico¹² e a segunda, de terceirização teológica¹³. Ambas denotam, em vários sentidos, a substituição de uma eclesiologia refletida e teologicamente fundamentada por uma adaptação a teorias de gestão e taxas de sucesso mensuráveis, ou seja, financeiras.

A seguir, primeiramente darei alguns exemplos de modelos eclesiológicos profícuos e, depois, desenvolverei alguns fatores estruturantes no contexto do HIV e da AIDS.

Exemplos de modelos eclesiológicos nos debates sobre HIV e AIDS

Modelos eclesiológicos não são mutuamente excludentes, mas funcionam como perspectivas complementares sobre temas diferentes, às vezes aparentemente

¹¹ SCHMID, Barbara. AIDS Discourses in the Church: What We Say and What We Do. **Journal of Theology for Southern Africa**, n. 125, p. 91-103, 2006.

¹² KRIEG, Gustav A. Pragmatismus as Nota Ecclesiae? Zum Identitätsproblem gemeindlicher Praxis. **Theologische Literaturzeitung**, n. 120, p. 595-612, 1995.

¹³ BRODD, Sven-Erik. Stewardship and Ecclesiology. **Stewardship - Our Accountability to God**. Documentation from the LWF/DMD International Consultation on Stewardship in Bolawayo, Zimbabwe, 8-12 nov. 1993, Geneva, p. 19-29, 1994. (LWF Documentation 34); BRODD, Sven-Erik. Stewardship Ecclesiology: The Church as sacrament to the World. **International Journal for the Study of the Christian Church**, n. 2, p. 70-82, 2002.

contraditórios, na descrição do que é igreja.¹⁴ Há bons motivos para crer que uma preferência exclusiva por um único modelo eclesiológico monolítico dentro de uma tradição resulta em uma eclesiologia deficiente e defensiva.

O modelo eclesiológico mais seguidamente relacionado com a questão do HIV/AIDS é o corpo de Cristo. Esse modelo, contudo, deve ser investigado a partir da perspectiva de outras possibilidades hermenêuticas. Nesta curta apresentação, o foco principal será dado à analogia do corpo de Cristo, considerando que esse é o modelo mais comum no debate, mas também mencionarei o modelo da igreja como família, que é muito importante para a Igreja Católica Romana na África. Acrescentarei a esses outros dois modelos que podem ser profícuos: a eclesiologia eucarística, focado na aliança, e a igreja como mãe, principalmente relacionado à situação da mulher na África.

O corpo de Cristo como analogia eclesiológica – A analogia do corpo de Cristo fornece um quadro de referência hermenêutico para interpretar os contextos sociais, econômicos e políticos em que as igrejas vivem. Também propõe normas disciplinares para a vida cristã nas igrejas e oferece meios para uma crítica construtiva de visões eclesiais correntes e ordenações práticas. Mas o corpo de Cristo também possibilita fazer uma teologia bíblica construída a partir das bases, uma teologia que inclui as experiências contextualizadas das igrejas locais.

A eclesiologia do corpo de Cristo não está baseada em uma mera imagem. Trata-se de uma analogia que, no Novo Testamento, indica determinada identidade entre Cristo e sua igreja, expressa na distinção paulina entre a cabeça e o corpo. Contudo, essa distinção nunca pode se transformar em separação entre a cabeça e o corpo (Ef 5.23; Cl 1.18). Por outro lado, a analogia também expressa que a igreja e Cristo nunca coincidem, são sempre distintos porque Cristo é o Salvador da igreja. Além disso, a eclesiologia do corpo de Cristo torna evidentes as reivindicações da igreja por visibilidade e corrige a ideia docética de que a igreja real e verdadeira é apenas invisível. Nenhuma imagem de igreja no Novo Testamento aponta para isso. O docetismo era uma heresia na igreja primitiva que sustentava que o corpo de Cristo encarnado historicamente era uma ilusão e não tinha importância para a obra salvífica de Cristo. Parece necessário, na eclesiologia, evitar todas as compreensões equivocadas de igreja como algo invisível em sua essência, ou seja, evitar o docetismo eclesiológico. A invisibilidade da igreja implica, de acordo com uma eclesiologia docética, que as formas externas da igreja não têm qualquer importância. O mesmo vale para o empirismo, que é chamado, correta ou incorretamente, de equívoco nestoriano sobre a igreja, também baseado na cristologia que reduz a igreja a uma mera organização.

¹⁴ BENSON, Pius. **The Church in the Theological Writings of Avery Dulles**. Impulses for African Ecclesiology. Frankfurt/M., 2007. (Europäische Hochschulschriften 852); MSAFIRI, A.G. The Church as the Family Model. Its Strengths and Weakness. **African Ecclesial Review**, n. 40, p. 302-319, 1998.

Segundo o paradigma do Novo Testamento, o termo “corpo” significa “corporação” (lat.: *corpus*). Eclesiologicamente isso precisa ser demonstrado na vida e nas estruturas da igreja, e todos os crentes batizados devem dar testemunho acerca disso em sua vida em comum. O apóstolo Paulo escreve à igreja de Corinto: “Importa que as pessoas nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus” (1 Co 4.1). O Batismo é a integração numa comunhão orgânica com Cristo e com todas as pessoas cristãs.

A psicologia moderna ensina que a pessoa não é a soma de suas experiências, sua herança ou qualquer outra coisa, mas é fundamentalmente uma unidade, uma totalidade em si mesma. A isso se dá o nome de estrutura. Se a igreja é o corpo de Cristo, o que implica naturalmente a presença da cabeça, então a igreja é vista como personalidade corporativa. A igreja é, portanto, uma estrutura, e deve poder ser identificada por qualquer pessoa que tenha algum conhecimento sobre o que é “igreja”.¹⁵

Quando o caráter corporativo ou coletivo da igreja (*koinonia, communio*) é enfatizado, essa corporeidade precede e determina o individual, como já foi dito.¹⁶ A igreja não é a soma de indivíduos ou ministros cristãos, mas o corpo de Cristo, que dá a seus membros suas vocações específicas de acordo com as estruturas identitárias deste corpo. Consequentemente, a igreja não é o resultado da adição de indivíduos, mas uma comunhão de santos, uma união completa em Cristo expressa pela total interdependência entre os cristãos. Tanto a função maternal da igreja como o conteúdo material da graça implicam que a igreja antecede seus membros e que eles dependem da igreja para a origem e continuação de suas novas vidas em Cristo.

A analogia do corpo de Cristo também aponta para uma compreensão orgânica do ser igreja. O corpo de Cristo não está morto, mas vivo e, assim como qualquer corpo, está em processo de mudança e crescimento, sem perder sua identidade fundamental.

Gostaria de concluir esta parte sobre o corpo de Cristo mencionando o seguinte: Obviamente, a igreja não é apenas corpo, mas também alma, motivo pelo qual eu comentei acima que a igreja não é *apenas* invisível. Uma pessoa não é apenas um corpo.

O corpo de Cristo tem AIDS – O documento final da Consulta Global da FLM sobre Diaconia, em 2002, afirma: “A igreja vive com HIV/AIDS em nosso meio. Precisamos romper a cultura do silêncio que ignora essa realidade dolorosa

¹⁵ GRENGEL, Christa. **Structure – Proclamation, Parish and Renewal**. “Church Renewal – Problems and Possibilities of Structural Change in the Congregation”. European Consultation of the Department of Studies of the Lutheran World Federation, Lislerud/Slagelse, Denmark, 13-20 set. 1975, Geneva [1976], p. 11-38.

¹⁶ ANTWI, Dan J. A. A Sense of Community. An African Perspective of the Church as Koinonia. **Trinity Journal of Church and Theology**, n. 6, p. 5-11, 1996; NWAIGBO, Ferdinand Okoye. **Church as a Communion: An African Christian Perspective**. Theology of the Local Church in the Light of the Second Vatican Council. Frankfurt/Main, 1996. (Bamberger Theologische Studien 3).

no corpo de Cristo”. O corpo de Cristo tem sido usado, eclesiologicamente, como um fundamento para compreender a existência da pandemia de HIV/AIDS.¹⁷

Uma teologia da AIDS tornará claro que Deus não enviou a AIDS como castigo, revelará a dimensão de compaixão de nosso cristianismo e tentará nos dar uma centelha de esperança na escuridão. Refletirá essencialmente que a AIDS atinge todos os cristãos, uma noção que é resumida de forma precisa nesta analogia: o corpo de Cristo tem AIDS.¹⁸

O mesmo princípio pode ser aplicado à igreja católica. Se uma igreja local está infectada, isso também afeta a igreja universal.¹⁹

Assim, o que a igreja ensina precisa ser relacionado com sua prática. E isso pode ser generalizado: todas as igrejas ensinam que a igreja é o corpo de Cristo. Se você analisar a prática dentro dessas igrejas, encontrará outros modelos de ser igreja que são incompatíveis com o modelo de corpo de Cristo, por exemplo, modelos baseados em consumismo e tribalismo, submissão das mulheres e abuso de crianças, ou estigmatização de pobres e doentes.

A igreja como família – É normal que um estrangeiro se surpreenda com o quanto a teologia africana em geral – e particularmente a eclesiologia – é denominacional. O trabalho do sínodo africano de bispos católicos romanos sobre o tema igreja como família praticamente não chegou a qualquer outra denominação para algum tipo de avaliação, apesar de uma forte ênfase na eclesiologia corporativa e comunitária na África. Isso é ainda mais surpreendente considerando que os teólogos africanos dão a impressão de que “na África, a tarefa central para a eclesiologia é como construir uma igreja que seja verdadeiramente africana e verdadeiramente cristã”²⁰. O mesmo pode ser dito sobre a “*Ecclesia in Africa*” do papa João Paulo II.²¹ Trata-se, fundamentalmente, de uma eclesiologia baseada no conceito de fa-

¹⁷ Cf., p. ex., SCHALÜCK, Hermann. Der Leib Christi hat Aids. **Herder Korrespondenz**, n. 56, p. 389-395, 2002. Nos Estados Unidos, na Capela Dominicana, em Marywood, há um culto anual denominado “O corpo de Cristo tem AIDS”. Disponível em: <<http://www.grcmc.org/grace/acnbody.html>>. Podem ser citados muitos exemplos.

¹⁸ SIMMERMACHER, Gunther (Ed.). **The Southern Cross**, 26 fev./4 mar. 2003.

¹⁹ SCHREITER, Robert. Marks of the Church in Times of Transformation. In: RUSSEL, Letty M. **The Church with AIDS: Renewal in the Midst of Crises**. Louisville/Kentucky, 1990. p. 122-132.

²⁰ MAGESA, Laurenti. Ecclesiologies. **Dictionary of Third World Theologies**. Maryknoll/New York: Orbis, 2000. p. 72.

²¹ OROBATOR, Agbonkhanmeghe E. **The Church as Family**. African Ecclesiology in its Social Context. Nairobi, 2000; BISHWENDE, Augustin Ramazani. **Église famille de Dieu**. Esquisse d’ecclésiologie africaine. Paris, 2001; BUJO, Bénézet. Die Familie als Leitbild der Erneuerung. Der Beitrag der afrikanischen Ekklesiologie. **Stimmen der Zeit**, n. 218, p. 761-772, 2000; CLERICI, Luigi. The Church as Family. African Church Communities as Families of Jesus and of God, a Biblical and Ecclesiological Reflection. **African Christian Studies**, n.11, p. 27-45, 1995; LWAMINDA, Peter. Church as Family and the Quest for Justice and Peace in Africa. In: MCGARRY, C. & RYAN, P. (Eds.). **Inculturating the Church in Africa**. Theological and Practical Perspectives. Nairobi, 2001. p. 249-270; MALU, Nyimi Modeste. **Église-famille/Église-fraternité**. Proposition synodale

mília como uma comunidade de solidariedade a serviço da vida.²² Mas a relação entre a família africana e a igreja pode ser profícua também em outras tradições.²³

Em quase toda a literatura sobre HIV e AIDS na África menciona-se a família estendida como um dos recursos mais importantes para se lidar com as necessidades das pessoas atingidas ou infectadas pela epidemia. É nessa linha também que interpreto uma citação do professor Daniël J. Louw:

Da parte da igreja, precisamos repensar totalmente o sentido da eclesiologia. O princípio do cuidado domiciliar está forçando a igreja a se libertar de sua rigidez denominacional e seus preconceitos. Em nosso treinamento, concentramo-nos numa estratégia de prevenção, não apenas reconsiderando teologicamente nossa compreensão de Deus, mas reelaborando totalmente uma eclesiologia teológica prática.²⁴

A igreja é nossa mãe que tem AIDS – Violência sexual, abuso sexual, papéis de gênero, relações de poder entre homens e mulheres e a vulnerabilidade das mulheres para contrair AIDS são questões eclesiológicas.²⁵ Michael J. Kelly proferiu uma palestra, em 2007, intitulada “A face feminina do HIV e da AIDS”²⁶. “Nenhuma resposta à epidemia da AIDS será bem-sucedida até que sejam tomadas medidas fortes para eliminar o preconceito, a discriminação e o tratamento desigual que as mulheres vivenciam”, disse o professor de Zâmbia. A “face feminina da epidemia e da pobreza” precisa ser relacionada à face feminina da igreja.

Pelo fato de nossa mãe, a igreja, estar ela própria com AIDS, pelo fato de nossas irmãs estarem sofrendo o maior impacto da epidemia e, ao mesmo tempo, dando a resposta

d'une ecclésiologie dynamique en Afrique. **Revue Africaine de Sciences de la Mission**, n. 3, p. 95-106, 1996; ONWUBIKO, Oliver Alozie. **The Church as Family of God** (Ujamaa) in the Light of 'Ecclesia in Africa'. Nsukka, 1999; OROBATOR, Agbonkhianmeghe E. **The Church as Family**. African Ecclesiology in its Social Context. Nairobi, 2000.

²² Sobre a necessidade de solidariedade relacionada com a comunidade cristã em outra tradição, cf. BENN, Christoph. Solidariteit en gemeenschap. Een theologische beschouwing over HIV/AIDS. **Wereld en Zending**, n. 29, p. 30-33, 2000.

²³ MAGEZI, Vhumani & LOUW, Daniel J. Congregational Home-Based Pastoral Care: Merging the African Family and the Church Family Systems for Effective HIV Ministry. **Journal of Theology for Southern Africa**, n. 125, p. 64-79, 2006.

²⁴ LOUW, Daniël J. **Report HIV Programme M. Th. Clinical Pastoral Care HIV Ministry**. Faculty of Theology, Stellenbosch, 13.3.2007.

²⁵ HADDAD, Beverly. Choosing to Remain Silent: Links between Gender Violence, HIV/AIDS, and the South African Church. PHIRI, I. Apawo et al. (Eds.). **African Women, HIV/AIDS, and Faith Communities**. Pietermaritzburg, 2003. p. 149-167; CHIRONGOMA, Sophie. Women's and Children's Rights in the Time of HIV and AIDS in Zimbabwe: An Analysis of Gender Inequalities and its Impact on People's Health. **Journal of Theology for Southern Africa**, n. 126, p. 48-65, 2006; HADDAD, Beverly. Gender Violence and HIV/AIDS: A Deadly Silence in the Church. **Journal of Theology for Southern Africa**, n. 114, p. 93-106, 2002.

²⁶ **Catholic Online**. Acesso em: 14 mar. 2007.

mais significativa, a pandemia HIV/AIDS desafia toda a igreja a avançar de forma mais corajosa no sentido de afirmar a participação e a contribuição das mulheres.

Importante é identificar a que tipo de igreja se atribui a capacidade dogmática e sociológica de encontrar respostas adequadas. Um exemplo: referências são, muitas vezes, feitas às mulheres em frases como “o papel das mulheres na igreja”, ou em expressões como “mulheres e igreja”. Numa análise eclesiológica, as consequências são marcantes em comparação com a afirmação “mulheres são igreja” – junto com os homens, pelo menos assim espero.²⁷

A questão é se não seria apropriado revitalizar o tema da “face feminina da igreja”²⁸. Se for verdade, como diziam constantemente os antigos Pais da Igreja, que a igreja é a mãe que dá à luz ao crente pelo Batismo e pela fé, que os nutre pela Palavra e pelos sacramentos, e, na diaconia, cuida da pessoa como um todo, a igreja como mãe seria uma imagem possível para fortalecer as mulheres na igreja. Afinal, elas são igreja.²⁹

Obviamente isso envolve alguns riscos, mas se for verdade que a eclesiologia das mulheres africanas é principalmente comunitária, baseada na ideia de que a identidade da pessoa deriva do coletivo, “Eu sou, porque nós somos”, como o expressa Mercy Amba Oduyoye³⁰, então essas mulheres já têm uma função representativa, sem que seja articulada. “Elas estão convencidas de que o chamado e a tarefa da igreja é identificar o sofrimento existente e dar-lhe um nome.”³¹

²⁷ BAM, Brigalia. Women and the Church in (South) Africa. Women are the Church in (South) Africa. In: PHIRI, I. Apawo & NADUR, S. (Eds.). **On Being Church. African Women's Voices and Visions**. Geneva, 2005. p. 8-15; BJÖRK, Sara. The Unveiling of the Patriarchal Church: African Women Theologians in Search for Ecclesiological Transformation in the Struggle Against HIV and AIDS. **Swedish Missiological Themes**, n. 94, p. 305-331, 2006; CHAUKE, Elesinah. Theological Challenges and Ecclesiological Responses to Women Experiencing HIV/AIDS. A South Eastern Zimbabwe Context. In: PHIRI, I. Apawo; HADDAD, B. & MASENYA, M. (ngwana'Mphahlele) (Eds.). **African Women, HIV/AIDS, and Faith Communities**. Pietermaritzburg, 2003 (2005). p. 128-148; MOYO, Falata Lusungu. Sex, Gender, Power and HIV/AIDS in Malawi: Threats and Challenges to Women Being Church. In: PHIRI; NADUR, 2005, p. 127-145; NADAR, Sarojini. On being Church: African Women's Voices and Visions. **Journal of Constructive Theology**, n. 10, p. 1-12, 2004 ; ODUYOYE, Mercy Amba. Ecclesiology in African Womens Perspective. In: PHIRI; NADUR, 2005, p. 146-156; TROREIY, Mary. Voices from the Periphery: Being Church as Women in Kenya. In: PHIRI; NADUR, 2005, p. 157-172.

²⁸ Cf., p. ex., BRODD, Sven-Erik. A Female Face of the Church: Sisterhoods from an Ecclesiological Perspective. In: WERNER, Y. M. (Ed.). **Nuns and Sisters in the Nordic Countries after the Reformation**. A Female Counter-Culture in Modern Society. Uppsala, 2004. p. 355-384. (Studia Missionalia Svecana LXXXIX).

²⁹ PHIRI; NADUR, 2005, p. 127-145.

³⁰ ODUYOYE, Mercy Amba. **Introducing African Women's Theology**. Sheffield/UK: Sheffield University Press, 2001. p. 26. Cf. também ODUYOYE, Mercy Amba. Ecclesiology in African Women's Perspective. In: PHIRI; NADUR, 2005, p. 146-156.

³¹ ODUYOYE, 2001, p. 83.

Um efeito importante dessa imagem da igreja é que os homens e as mulheres estão integrados nela, assim como na analogia do corpo de Cristo. Se a imagem da igreja como mãe for desenvolvida, a linguagem figurada pode ser performativa no sentido de que homens e mulheres juntos poderão encontrar formas de expressar o que significa ser igreja como mãe.

Eclesiologia eucarística – Eu gostaria de tecer mais uma vez alguns comentários a respeito da expressão muito comum de que o corpo de Cristo contraiu AIDS ou está infectado com HIV e traçar um paralelo com a Eucaristia. Na perspectiva da igreja como a comunhão de todos aqueles que são incorporados no corpo de Cristo pela fé e pelo Batismo, que vivem na nova Aliança em seu sangue ao compartilhar do mesmo cálice eucarístico, a ideia de que toda a comunidade cristã está infectada se um de seus membros estiver é eclesiologicamente inevitável. A alternativa seria excomungar todos aqueles que, de uma forma ou de outra, estão doentes. Uma eclesiologia eucarística é, muitas vezes, combinada com outra eclesiologia, ou faz parte dela, por exemplo, a igreja como família.³² O conceito do compartilhamento é, naturalmente, fundamental para uma eclesiologia eucarística.

Outro aspecto da Eucaristia deve ainda ser lembrado aqui, o de que ela é “considerada pela maioria dos cristãos como o mais visível dom da cura e como ato curador singular na igreja em todas as suas dimensões”³³. Se a cura não é uma questão particular, ela é primordialmente uma vocação de toda a igreja, e as várias formas de ministérios de cura derivam disso.³⁴ Isso implica a existência de estruturas eclesiais para o envio e a prestação de contas desses ministérios. Além disso, assim como o Batismo depende de certas condições, o mesmo vale também para a Eucaristia.

Fatores estruturantes na eclesiologia

Ao contrário dos modelos eclesiológicos mencionados acima, ou de outros modelos provenientes diretamente do Novo Testamento, os fatores estruturantes na eclesiologia partem de práticas e problemas baseados em experiências. Exemplos:

³² ASSENGA, Petri. **The Celebration of the Eucharist as an Essential Element in an African Family Ecclesiology**. A Theological and Pastoral Analysis in Reference to the Diocese of Moshi – Tanzania. 2005. Dissertação – Faculty of Theology, University of Leuven, Leuven, 2005.

³³ JESUDASAN, Usha & RÜPPEL, Gert. **Healing as Empowerment. Discovering Grace in the Community**. Geneva, 2006. p. 59.

³⁴ VÄHÄKANGAS, Auli. The Church as a Healing Community? The Case of HIV/AIDS Stigma. **Africa Theological Journal**, n. 28, p. 48-56, 2005; BATE, Stuart C. The Mission to Heal in a Global Context. **International Review of Mission**, n. 90, p. 70-80, 2001; MCCAIN, Danny. The Church in Africa in the Twenty-First Century: Characteristics, Challenges and Opportunities. **African Journal of Evangelical Theology**, n. 19, p. 105-130, 2000.

o sofrimento, a tensão entre santidade e pecado, o estigma e a cooperação da igreja com todas as pessoas de boa vontade.

Sofrimento: um dilema eclesiológico

Sacrifício e paixão estão no centro da fé cristã. Que o sacrifício de Cristo é totalmente suficiente e não precisa nem pode ser suplementado é autoevidente para a fé católica. Os frutos do sacrifício voluntário no calvário são, de certo ponto de vista, colhidos pela igreja. De outra perspectiva, Cristo e a igreja, que está “em Cristo”, não podem ser separados. Na vida da igreja, Cristo é o sumo sacerdote (Hb 9), que sacrifica a si mesmo, e de forma anamnética (grego: *anamnesis*; hebraico: *zikkaron*), a igreja como sacerdócio real participa desse sacrifício (1Pe 1.5). Esse sacrifício definitivo sempre está realmente presente em cada Eucaristia em todos os lugares, e sempre esteve em todos os tempos. Mas como a Eucaristia não está completa sem a *diakonia* e *martyria* da igreja, o sacrifício eucarístico é incompleto enquanto não estiver relacionado à vida de Cristo e à vida do corpo de Cristo, que é a igreja (2Co 1.5).

A compreensão de igreja como o corpo de Cristo necessita então daquilo que foi denominado de imaginação analógica. Os materiais oferecidos para isso são variados: “Assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros” (Rm 12.4-5; 1Co 12.12s); “O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo? Porque nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão” (1Co 10.16b-17); “De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam” (1Co 12.26).³⁵ O que obviamente se torna central nesse contexto são os significados de “sofrimento” e “aflições”, associados com a perspectiva corpórea nessa eclesiológica.

A natureza essencialmente corpórea da igreja de Cristo leva-nos a concluir que não apenas um indivíduo, mas toda a comunidade compartilha o fardo do HIV/AIDS, quando esse surge. Isso, naturalmente, suscita algumas questões eclesiológicas fundamentais. Duas perspectivas, a título de resumo: O corpo de Cristo em comunhão com a cabeça (“em Cristo”) é sem pecado e sem doença. É santo. O corpo de Cristo, contudo, participa dos sofrimentos de Cristo (2Co 1.5ss) e “Cristo mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças” (Mt 8.17; Is 53.4). A igreja e Cristo sofrem juntos.

Uma teologia da AIDS tornará claro que Deus não enviou a AIDS como castigo, revelará a dimensão de compaixão de nosso cristianismo e tentará nos dar uma centelha de espe-

³⁵ DUBE, Musa W. Theological Challenges: Proclaiming the Fulness of life in the HIV/AIDS & Gobar Economic Era. **International Review of Mission**, n. 91, p. (535-549) 539, 2002.

rança na escuridão. Refletirá essencialmente que a AIDS atinge todos os cristãos, uma noção que é resumida de forma precisa nesta analogia: o corpo de Cristo tem AIDS.³⁶

Igreja pecadora e santa: superando uma dicotomia na eclesiologia

A doença é pecado ou não, essa é a questão decisiva em relação à legitimidade eclesiológica da expressão “o corpo de Cristo tem AIDS”. Ela não se aplica apenas às doenças relacionadas com o HIV, mas também à malária e ao câncer. Minha proposição é que todas essas formas de doença e muitas outras podem se originar numa vida pecadora, pela qual é possível fazer penitência e assim ser reconciliado com Cristo e a igreja. Porém, a doença em si não é pecado, e sim o testemunho da queda da humanidade. Não se trata de uma afirmação política barata, mas de teologia baseada em Isaías 53.4, retomada por Mateus em seu evangelho (8.17), onde afirma que “Cristo mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças” e que a igreja como corpo de Cristo e Senhor sofre junto, como o apóstolo Paulo escreve para as igrejas em Corinto: “assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam em grande medida a nosso favor, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo” (2Co 1.5). Ser cristão envolve sofrimento, e poderíamos nos perguntar se é possível uma vida cristã sem ele. “Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados” (Rm 8.17). Parece-me que o “se” na citação é decisivo. Em todos os casos, é um ato extremamente consciente com o qual temos que lidar, “na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo” (1Pe 4.13), e “para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte” (Fl 3.10). E os sofrimentos “em Cristo” são de natureza muito eclesial. “Contudo, Deus coordenou o corpo [isto é, de Cristo, a igreja], concedendo muito mais honra àquilo que menos tinha, para que não haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros. De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele” (1Co 12.24s).

Duas coisas devem ser ditas acerca da pecaminosidade da igreja: primeiro, conforme o Novo Testamento, pecado não é algo particular. Ele priva a igreja de sua santidade no mundo e prejudica aquela unidade que deveria ser testemunho de Cristo no mundo; segundo, pecado não é apenas tudo que está errado, mas é mais complexo e fundamental e, ao mesmo tempo, mais contextual. Ele destrói a vida em Cristo, ameaça a fé, que é a base da práxis cristã tanto do crente individual quanto da igreja local. A santidade da igreja, contudo, não pode ser mantida por obediência mecânica a certos mandamentos e certamente não pode ser interpretada como uma mera ausência de pecado. A santidade da igreja denota a habilidade de compartilhar a vida do Senhor, tanto em suas alegrias quanto em seus sofrimentos.

³⁶ SIMMERMACHER (Ed.), 2003.

A igreja já passou por situações em que pecado e doença foram confundidos e vivenciou as consequências disso. Podemos aprender da história: durante a pandemia da chamada praga ou “peste negra”, a mortalidade na Europa foi de um quarto a um terço da população ao longo de três anos, entre 1347 e 1350. Houve reflexos da praga até no século 16.³⁷ O resultado da praga foi uma compreensão fragmentada de eclesiologia, do que vinha a ser igreja. Ordens religiosas e a hierarquia sacerdotal eram consideradas mais santas do que o laicato. Acentuou-se de forma bem peculiar a santidade como marca da igreja uma vez que a praga foi interpretada como punição de Deus. Ao mesmo tempo, enfatizaram-se as boas obras e a caridade como sinais significativos da verdadeira igreja, na intenção de agradar ao Deus da ira. Assim, a partir da perspectiva da história da igreja, o que podemos aprender, em termos eclesiológicos, comparando a pandemia na Europa no século 14 especificamente com a pandemia na África no século 21, para não repetirmos os mesmos erros?

O estigma como um fator formativo na eclesiologia

Estigmas constroem novas formas de comunidade e destroem outras. Na eclesiologia, isso significa que uma congregação local será estruturada de acordo com os padrões sociais criados pelas regras da estigmatização, conhecidas a partir da psicologia social, e não de acordo com o ensino da doutrina da igreja. A estigmatização cria estruturas eclesiológicas fora de controle. O estigma como fenômeno social não deve ser confundido de forma alguma com qualquer ideia teológica de Cristo como o estigmatizado. É consenso que a estigmatização de pessoas na igreja tem efeitos nocivos sobre a prevenção, os exames e o tratamento do indivíduo ou do grupo. Do ponto de vista eclesiológico, destrói também o modo de ser-igreja confessadamente ecumênica. Trata-se, portanto, de uma questão eclesiológica com profundas implicações éticas.³⁸ Seria muito útil um estudo eclesiológico indutivo para compreender os mecanismos que atuam no próprio tecido da igreja e para revelar padrões, conscientes ou inconscientes, que intervieram na eclesiologia doutrinária da igreja. Embora “o resgate do poder de indivíduos (sem dúvida) seja importante, é na comunidade que acontece a genuína diminuição do estigma”.³⁹

³⁷ Sobre as reações do teólogo alemão da Idade Média Tardia Martin Lutero (1483-1546), cf. SCRIBA, George. The 16th Century Plague and the Present Aids Pandemic. A Comparison of Martin Luther’s Reaction to the Plague and the HIV/AIDS Pandemic in Southern Africa Today. **Journal of Theology for Southern Africa**, n. 126, p. 66-80, 2006.

³⁸ LODBERG, Peter. The History of Ecumenical Work on Ecclesiology and Ethics. **Ecclesiology and Ethics: Costly Commitment**. Presentations and Reports from the World Council of Churches’ Consultation in Jerusalem, November 1994. Geneva, 1995. p. 1-12

³⁹ PATERSON, Gillian. **AIDS Related Stigma. Thinking Outside the Box**. Geneva, 2005. p. 6. (Ecumenical Advocacy Alliance & World Council of Churches)

O estigma é, eclesiologicamente, um sinal de que a igreja não é apenas o corpo de Cristo, mas o corpo de pecadores que necessitam da graça de Deus em Cristo e dos meios redentores da igreja para superar todo tipo de discriminações. Já desde pelo menos a época de Cirilo de Jerusalém, o conceito de catolicidade mencionado nos credos ecumênicos tem um significado essencial de inclusividade. Assim, a catolicidade pode ser estudada a partir da maneira como as mulheres, as crianças, os doentes e os pobres são tratados nas igrejas de hoje.

A igreja como organização em cooperação com as pessoas de boa vontade

Há uma ideia de que as igrejas “estão se aliando” a organizações seculares em suas lutas contra a pandemia do HIV. Assim, por exemplo, o “Pacto de Ação Contra a AIDS” foi lançado em 2002, com 40 instituições-membros e uma rede de contatos muito forte. Um documento do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), afirma como algo evidente, o que, aliás, é verdade: “precisamos estar prontos para trabalhar com todas as pessoas de boa vontade”.⁴⁰

O ponto de partida óbvio em muitos textos, sejam os eclesiásticos ou os não-eclesiásticos, é que por igreja se entende uma instituição. Um texto do CMI sobre HIV/AIDS afirma:

A igreja é uma instituição influente e poderosa, com o potencial de causar mudanças. A intenção é que suas atividades se tornem mais eficazes, eficientes e sustentáveis como resultado de uma maior coordenação e interação com sua rede de contatos, uma comunicação mais forte e mecanismos para trabalhar em conjunto, construindo sobre a experiência e o sucesso de cada parte e evitando a duplicação desnecessária de esforços.⁴¹

Essa citação poderia fazer parte de qualquer apresentação sobre gestão em alguma organização. Por isso o texto também acrescenta: “Mas o desafio das igrejas é sentido num nível mais profundo do que esse”.⁴² O problema, no entanto, permanece. Em muitas perspectivas, a visão institucional de igreja predomina, visto que ela está colocada no contexto de “religiões” e “organizações de fé”, sendo considerada como um paralelo a “organizações relacionadas à igreja”, “organizações ecumênicas”, e assim por diante. Às vezes encontra-se até mesmo a expressão “igreja/organização”. A igreja está reduzida, o que não deixa de ser problemático, a uma organização entre outras tantas, muitas vezes conforme linhas denominacionais. Seria interessante fazer análises eclesiológicas, a partir das perspectivas da ciência política e das teorias organizacionais, sobre o papel e a natureza de sociedades missionárias, especialmente no protestantismo, além de agências humanitárias cristãs e outras

⁴⁰ WORLD COUNCIL OF CHURCHES, 2001.

⁴¹ WORLD COUNCIL OF CHURCHES, 2001.

⁴² WORLD COUNCIL OF CHURCHES, 2001.

organizações que atuam na pandemia HIV/AIDS. Elas especificamente afirmam não ser igrejas, sendo que muitas delas defendem compreensões puramente institucionais do que é igreja. Algumas organizações humanitárias cristãs chegam mesmo a afirmar que não pertencem à igreja. Mas o que isso significa e como elas pensam? Tendo sido feita a necessária análise a partir da perspectiva das ciências políticas, falta resolver o problema teológico: Pode haver uma organização cristã fora da igreja? Em termos eclesiológicos, certamente não sem, dessa forma, desqualificar elementos muito importantes da compreensão neotestamentária do ser igreja.⁴³ O que há com as “organizações relacionadas à igreja” que causa a impressão de distância?

Há, no entanto, uma necessária distinção a fazer entre o que as pessoas fazem como cristãos e o que fazem como seres humanos, trabalhando em conjunto com todas as pessoas de boa vontade. É óbvio que “o amor de Deus inclui as pessoas com AIDS”, como dizia um pôster africano. Jesus Cristo participou da criação, criando todos à semelhança de Deus, e ele veio para salvar o mundo. O Deus Triúno se comunica com o mundo, o apoia visando à sua salvação. Mesmo assim, há uma distinção entre igreja e mundo. Exemplo: há um mandamento geral para cuidar dos doentes, mas um cuidado sacramental para a igreja com a unção com óleo (Mc 6.12; Tiago 5.14), Eucaristia, etc., não como uma alternativa nem como adicional ao cuidado médico e social, mas como algo diferente, enraizado no caráter único da igreja.

A conclusão dessa argumentação seria afirmar que a igreja é uma organização, mas não uma organização qualquer, e que a igreja deve ser suficientemente distinta no mundo para poder cumprir sua missão como testemunha e instrumento efetivo de Cristo e, assim, do reino de Deus. A igreja não pode ser assimilada pelo mundo, nem separada dele.

Eclesiológia e ética

O departamento de religião e teologia da Universidade de Western Cape (África do Sul) apresentou, em 2005, um projeto de pesquisa colaborativa sobre o tema “Teologia ecumênica na África”⁴⁴, que inclui uma abordagem das “Perspectivas africanas sobre ‘eclesiológia e ética’”.⁴⁵ O projeto tem por origem o estudo

⁴³ BRODD, Sven-Erik. Church, Organisation and Church Organisation. Some reflections on an ecclesiological dilemma. **Swedish Missiological Themes**, n. 93, p. 245-263, 2005.

⁴⁴ Disponível em: <http://www.uwc.ac.za/index.php?module=cms&action=showfulltext&id=gen11Srv7Nm54_5872_1210050501§ionid=gen11Srv7Nm54_5138_1210050501>. Acesso em: 27 mar. 2010.

⁴⁵ Sobre ligações entre eclesiológia e ética no contexto africano, cf., p. ex., DE GRUCHY, John. Church Unity and Democratic Transformation. Perspectives on Ecclesiology and Ethics in South Africa. **Ecumenical Review**, n. 44, p. 356-365, 1997; NICHOLS, O. Samuel. African Christian Theology and the Ancestors. Christology, Ecclesiology, Ethics and their Implications beyond Africa. **Journal of African Christian Thought**, n. 8, p. 27-35, 2005.

do CMI “Eclesiologia e ética”, que na verdade explorava a conexão entre o que a igreja é, a natureza da igreja, e o que ela faz, a prática. Na apresentação, o projeto afirma: “Nas reflexões ecumênicas, existe uma tendência a minimizar a contribuição diferenciada que a igreja como *igreja* pode dar [...] Também há uma tendência a minimizar a conexão entre uma compreensão teológica da natureza da igreja e sua agenda social”.⁴⁶ No caso da eclesiologia e do HIV/AIDS, esse problema é bastante óbvio, especialmente considerando a vaga noção que se tem sobre a atuação da igreja como igreja e o que ela está fazendo no mundo junto com as pessoas de boa vontade. Mas existe outro problema ainda. Se é verdade que o HIV e a AIDS implicam “estigma social, que é o isolamento e a discriminação dos infectados por parte de suas famílias”⁴⁷, se não há educação para uma sexualidade responsável na igreja local, se existe uma ampla submissão das mulheres e abuso sexual dessas mulheres, criou-se então uma eclesiologia que dá testemunho de uma igreja que está em contradição com aquela encontrada nas Escrituras Sagradas.

Apenas um comentário sobre educação, educação sexual e eclesiologia.⁴⁸ A educação na igreja local faz parte integrante da edificação da igreja, sua *oikodomia*. Alguns reformadores do século 16 inclusive definiram a igreja como escola.⁴⁹ Portanto isso é eclesiologicamente importante. A informação não é teologicamente neutra nem inocente, e a impressão que se tem hoje é que cristãos em muitos lugares no mundo foram inadequadamente informados também na perspectiva eclesiológica. A sexualidade desinformada pode se tornar autodestrutiva, não apenas para o indivíduo, mas também para a igreja.

A pandemia de HIV/AIDS não é um problema apenas individual, mas também social. Especialmente em áreas de alta incidência, trata-se de um fator estruturante na eclesiologia.⁵⁰ Se a igreja vier a ser identificada – não apenas pelo “mundo”, mas também por seus próprios membros e, em última análise, por si mesma – com as causas fundamentais do HIV e AIDS, a saber, a desigualdade de gênero, a distribuição injusta de saúde e poder, a estigmatização, a ignorância sobre sexualidade, há o grande perigo de que essa imagem destrua as estruturas eclesiológicas fundamentais do perdão, da reconciliação e da comunhão.⁵¹

⁴⁶ Disponível em: <<http://www.uwc.ac.za/arts/rel-theo/Ecumenical%20theology.htm>>, p. 6.

⁴⁷ DUBE, Musa W. Theological Challenges: Proclaiming the Fulness of life in the HIV/AIDS & Gobaal Economic Era. *International Review of Mission*, n. 91, p. (535-549) 535, 2002.

⁴⁸ WETHMAR, Conrad Johannes. Ecclesiology and Theological Education. A South African Reformed Perspective. *Skrif en Kerk*, n. 18, p. 415-430, 1997.

⁴⁹ BRODD, Sven-Erik. Einige Bemerkungen zur Ekklesiologie Melanchthons in schwedischer Reformationsforschung. In: STOLT, B. (Ed.). *Philipp Melanchthon und seine Rezeption in Skandinavien*. Stockholm, 1998. p. 137-150. (Kungl. Vitterhets Historie och Antikvitets Akademien. Konferenser 43).

⁵⁰ BUJO, Bénézet. *Die ethische Dimension der Gemeinschaft*. Das afrikanische Modell im Nord-Süd Dialog. Freiburg/Schw., 1993. (Versão em inglês: The Ethical Dimension of Community. The African Model and Dialogue between North and South. Nairobi, 1998.)

⁵¹ Sobre esse conjunto de temas, cf. LOUW, Daniel. A Practical Theological Ecclesiology of Relocalisation and Globalisation from Below. Towards a Viable African Renaissance. *Journal of Theology for Southern Africa*, n. 112, p. 69-88, 2002.

Na história da igreja, o reformador alemão Philipp Melanchthon (1497-1560) formulou uma diferenciação entre a *ecclesia vera facta*, a verdadeira igreja institucional, e a *ecclesia falsa facta*, a falsa igreja institucional. Segundo esse paradigma eclesiológico, a igreja pode ser entendida simultaneamente como pecadora e justa (*simul peccata et iusta*), ou poderíamos fazer uma distinção entre a igreja santa e seus membros pecadores. Isso até pode ser verdade, mas o fato é que a igreja que não vive de acordo com seus ensinamentos manifesta uma configuração eclesiológica que precisa ser corrigida por certos modelos e estruturas eclesiológicos, alguns dos quais foram mencionados acima.

Fazer eclesiologia em tempo de pandemia. Algumas observações conclusivas

No mês de abril de 2004, o secretário-geral do CMI, Dr. Samuel Kobia, falando a respeito do destino da África e dos papéis proféticos das igrejas com líderes de igrejas e teólogos reunidos em Nairóbi, afirmou: “A solidariedade crítica para com as vítimas da violência e a denúncia das forças opressoras que atuam no continente precisam informar nossos esforços teológicos voltados para uma nova eclesiologia”.⁵² Como eu já havia mencionado, precisamos descrever as estruturas, ações e outras formas da vida eclesial, tanto aquelas que expressam de maneira adequada eclesiologias enraizadas firmemente na revelação divina quanto aquelas que dela se desviam. A mensagem oficial das igrejas não pode contradizer o que as pessoas estão vendo na vida de fato das igrejas. A igreja empírica, a igreja como uma realidade social, não pode ser separada da igreja como uma realidade espiritual. O espiritual e o material são duas expressões da mesma realidade: distintas, mas não separadas.

Procurei citar referências contemporâneas da África, e devo acrescentar que elas são mais numerosas do que as notas de rodapé deixam transparecer. Todas oferecem inúmeros estímulos para a pesquisa e reflexão continuada. Enfatizei a relação entre a igreja atual, contextual, os modelos e estruturas de igrejas dados na Revelação Divina e a necessidade de inter-relacionar esses aspectos na eclesiologia. “Isso suscita a pergunta: que imagem de Deus e que tipo de eclesiologia correspondem à linguagem teológica que expressa a vida e a espiritualidade nativas? Pode-se concluir que a imagem de Deus e a eclesiologia estão estreitamente ligadas. Deus cria/recria a vida, mas como essa imagem se reflete sobre a eclesiologia permanece sem resposta.”⁵³

⁵² Disponível em: <<http://www2.wcc-coe.org/pressreleasesen.nsf/index/pu-04-18.html>>. Acesso em: 27 mar. 2010.

⁵³ OBORJI, Francis Anekwe. **International Association of Catholic Missiologists (IACM)**. 2nd General Assembly & Workshop Encounter [Cochabamba, Bolívia, September 30/October 1, 2004]. Disponível em: <http://www.sedos.org/english/oborji_4.htm>. Acesso em: 27 mar. 2010.